IV enanparq
Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016.

O Edifício Markthal de Rotterdam – O Lugar

SESSÃO TEMÁTICA: A RONDA DOS LUGARES

PUGLISI, M.C.
Universidade Presbiteriana Mackenzie
maricpug@gmail.com

COSTA, H.
Universidade Presbiteriana Mackenzie
helencosta.arq@hotmail.com

ESCRIDELLI, S.
Universidade Presbiteriana Mackenzie
sandraescridelli@hotmail.com

O Edifício Markthal de Rotterdam – O Lugar

RESUMO

O texto discute as relações de projeto com o lugar por meio do diálogo estabelecido entre as formas de habitar a cidade, o uso público e privado que resultam na síntese criativa do programa do edifício Markthal (2004 -2014), do escritório holandês MVRDV. Para analisar a obra partimos dos conceitos da história da habitação holandesa (RYBCZYNSK, 1985), do território urbano (SANTOS, 1997) e a relação espaço - programa (TSCHUMI, 1981).

No primeiro momento, serão abordadas as características da habitação holandesa, num breve histórico de costumes do morar e de suas edificações, mostrando a evolução urbana na cidade de Rotterdam.

No segundo momento abordagens sobre a busca de reorganização do território que estabelece conexão com espaços e usos pré-existentes, como a feira de Binnenrotte, na área central de Rotterdam, partindo de uma área esvaziada do pós-guerra para uma área de domínios interpenetrados do público e privado.

Finalizando com a análise exploratória, a relação espaço-programa e arquitetura como evento (TSCHUMI,1981) contida no projeto do edifício Markthall, é analisada sob a ótica da desconstrução (DERRIDA,1986) para descobrir suas pedras fundamentais e entender a riqueza desta obra no seu território. A relação com seus pares conceituais transforma o edificio em lugar “essa porção qualificada de cidade”(CASTELLO, 2006, p.90).

A partir dessa analise dividida em três momentos no artigo chegamos a solução dada para a revitalização da área central de Rotterdam com a implantação do edifício dialogando com uma terceira revolução urbana que qualifica a cidade e contribui para repensar o conceito de lugar em favor da coletividade, estabelecendo novas concepções nas dimensões sócio psicológica, gerencial-mercadológica e arquitetônica-urbanística. (CASTELLO, 2006).

Palavras-chave: Lugar; Público e Privado ; Revitalização

The Markthal Building of Rotterdam – The Place

ABSTRACT

The paper discusses the design relationship with the place through the dialogue established between the ways of inhabiting the city, the public and private use that result in creative synthesis of Markthal building program (2004 -2014), the Dutch MVRDV office. To analyze the work we set the concepts of the history of Dutch housing (RYBCZYNSK, 1985), the urban territory (SANTOS, 1997) and the relationship space - program (TSCHUMi, 1981).

At first, the characteristics of the Dutch housing will be addressed in a brief history of manners of living and its buildings, showing the urban development in the city of Rotterdam.

In the second phase approaches to the search for reorganization of the territory which connects to pre-existing spaces and uses, such as fair Binnenrotte, in central Rotterdam, starting from an empty area of the post-war to an area of interpenetrating domains public and private.

Ending with the exploratory analysis, the relationship space program and architecture as event (TSCHUMi, 1981) contained in Markthall building project is analyzed from the perspective of deconstruction (DERRIDA, 1986) to discover its cornerstones and understand the richness of this work on its territory. The relationship with his conceptual pairs transforms the building rather "the qualified portion of the city" (CASTELLO, 2006. p. 90).

From this debt analysis in three times in the article got the solution given to the revitalization of the central area of Rotterdam with the implementation of building a dialogue with a third urban revolution that qualifies the city and contributes to rethink the concept of place in favor of the community, establishing new concepts in psychological dimensions social, managerial, marketing and architectural-urban. (CASTELLO, 2006).

Keywords: Place; Public and private; Revitalization

O Edifício Markthal de Rotterdam – O Lugar

I - HISTÓRICO HOLANDÊS - As Características Pública e Privada da Habitação Holandesa.

As províncias Unidas dos Países Baixos constituíam um Estado, formando no seculo xv um dos menores países da Europa, com uma população de um quarto da espanhola, um oitavo da francesa e com um território menor que o da Suíça, com poucos recursos naturais, nenhuma mina, nenhuma floresta e as poucas terras que possuiam precisavam de proteção do mar.

Em pouco tempo tornou-se uma nação avançada na construção naval do mundo, desenvolveu frotas navais, pesqueiras e mercantes. Os Países Baixos fizeram muitas inovações financeiras, o que os transformaram em uma grande potência economica, sendo uma de suas cidades, Amsterdam, o centro mundial das finanças internacionais.

Suas cidades manufatureiras cresceram tão rápido que na metade do sec. XVII, os Países Baixos já haviam suplantado a França como maior nação industrial do mundo e suas universidades ofereciam uma atmosfera tolerante em termos políticos e religiosos, abrigando pensadores como Descartes, Spinoza e John Lucke.

A sua posição privilegiada para o comércio marítmo na Europa e as boas condições de defesa das suas fronteiras nacionais, resultou num tecido social diferente do restante da Europa. Os holandeses eram mercadores e donos de terras e, ao contrário da Inglaterra, não tinham um campesinato sem terras; ao contrário da França não tinham uma aristocracia opulenta e ao contrário da Espanha não tinham um rei. Era a primeira república da Europa liderada por uma confederação livre, com um Estado Geral, constituído por sete representantes de províncias soberanas que eram escolhidos pela classe média alta.

Enquanto em outros países da Europa a maioria da população era camponesa nos Países Baixos a maioria da população era de habitantes de burgos urbanos.

A essencia desta sociedade não era composta apenas de classe média, mas também de fazendeiros, marinheiros, trabalhadores de manufaturas e fábricas, que também compunham a classe dominante que nomeava governantes de províncias e através destes, o país.

Rotterdam era uma dessas províncias e possuia um porto em expansão, uma cidade pequena muito característica dos Países Baixos.

A pretensão arquitetônica das cidades, na época, exigia uma mentalidade prática para construção de canais e estacarias para contenção das águas, exigia simplicidade e

valorização de materiais. Os terrenos para a construção eram muito estreitos e as fachadas de seus edifícios às vezes da largura de um cômodo e Rotterdam não fugiu a regra.

As casas enfileiradas geralmente tinham uma parede em comum, possuíam beiradas das empenas em degraus, eram voltadas para a rua e formavam as silhuetas típicas pelas quais as cidades holandesas ficaram famosas. No topo de suas empenas um gancho instalado era usado para puxar móveis e outros bens para os andares de cima da casa.

O interior das casas neste período, consistia em uma sala da frente, onde se realizavam atividades comerciais e uma sala nos fundos onde os moradores cozinhavam, comiam e dormiam. Estas características medievais da casa onde o público e o privado se mesclam, permanece por todo o sec. XVII na casa holandesa.

Na frente da casa um pouco acima do nível da rua, uma varanda ou alpendre, com bancos de madeira, abrigava a família que se reunia nos fins de tarde para conversa com os passantes. (RYBCZYNSK, 1985).

Quando a casa crescia, eram utilizadas escadas íngremes e estreitas, e os andares superiores começaram a receber divisão por cômodos. As salas da frente do segundo andar recebiam visitas e os comodos superiores eram de dormir.

Os holandeses eram um povo navegante e sua casa se assemelhava a um navio: compacta, com madeiramento pintado, escadas íngremes e quartos tão pequenos que pareciam cabines de navio, modesto e bem arrumado.

A pintura das casas holandesas, durante o dia, mostravam comodos claros, iluminados pelo sol, o que contrastava com os comodos escuros dos interiores de outras cidades da Europa. As janelas grandes de suas fachadas permitiam que a luz entrasse pelos interiores profundos e estreitos. As janelas tipo guilhotina foram inventadas por eles para poderem ser abertas em toda sua extensão e a parte fixa desta janela tinha um novo elemento para controlar a luminosidade da casa - as cortinas - que também ofereciam privacidade da rua.

Uma característica importante na casa holandesa é que ela era ocupada, já no sec. XVII, por apenas uma família, o casal e seus filhos. O contrário das casas parisienses da época que viviam do inquilinato, sobrados compostos por comodos e vários moradores, sem serem da mesma família.

No início do sec. XVIII, os holandeses já eram prósperos e donos de suas casas, o carácter privado da sua moradia se estabelecia à medida que vários artesãos se tornaram mercadores prósperos e contruíram seus estabelecimentos separados da casa e seus aprendizes e empregados tinham suas próprias moradias. Segundo Rybczynsski,1985, p.71:

> “ Também não havia tantos criados como nos outros países, pois a sociedade holandesa desaprovava a contratação de criados e cobrava impostos especiais para quem empregasse auxiliares domésticos. Valorizava-se mais a independencia do indivíduo do que em outros lugares e, o que é mais importante, podia-se pagar por ela. Consequentemente, a maioria das casas nos Países Baixos abrigava um só casal com seus filhos.Isto acarretou uma outra mudança .O caráter público da “casa grande” foi substituído por uma vida caseira mais sossegda e privada.”

Outro aspecto a ser mencionado é que nestas casas estreitas, construídas diretamente na rua e compartilhando paredes com seus vizinhos, o jardim era um espaço importante. Usado em quase todo o período do ano, esta área restrita da casa tinha um paisagismo bastante metódico, quase aos moldes de jardins orientais, com cercas vivas, caminhos de pedras e uma organização que refletia os interiores das casas, quase uma transição entre a casa grande da idade média e a casa de família individual. Enquanto na Europa, a casa era construída em torno de um pátio essencialmente público, o jardim isolado nos fundos da casa holandesa era privado.

Os jardins e as casas holandesas contribuíram para a aparência geral das suas cidades. Devido aos canais, os espaços entre as casas eram de largas avenidas arborizadas, e como seu sistema construtivo era mais imitativo do que inventivo as cidades holandesas tinham uma uniformidade incomparável.

A rua também exercia uma função sociológica e política, as corporações se organizavam em ruas particulares como: rua dos latoeiros, dos sapateiros, padeiros, etc. As profissões davam nomes às ruas e também às casas. Em suas fachadas havia tabuletas indicando o tipo de serviço ou comércio que seu proprietário executava como por exemplo, uma tesoura para alfaiate, um forno para padeiro, caracterizando uma cidade definida como um conglomerado de pequenos mundos, cada um com suas peculiaridades.

II – TRANSFORMAÇÃO URBANA – A busca das origens público e privado.

As evidências do surgimento de Rotterdam apontam para o sítio em torno da rua Binnenrote, iniciado com um pequeno vilarejo de pescadores por volta de 1270, sendo consequência da construção de um dique no rio Rotte. Seu desenvolvimento foi lento, recebendo o status de cidade apenas por volta de 1340. Esse cenário mudou no século XIX, entre 1866 e 1872 com a construção do canal Niewe conectando a cidade ao mar, foi quando o comércio com Inglaterra e o crescimento econômico alemão, estimularam a atividade portuária na cidade (MARSHALL, 1844). Rotterdam foi beneficiada fortemente pela industrialização de países vizinhos como a Bélgica e a Alemanha. Foi nessa fase que a cidade se expandiu rapidamente, aumentando seu tamanho e a sua população (Figura 1). A transformação física do território foi alimentada pela economia local, que se sustentava pelo transporte hídrico, produção industrial e importações. Entretanto, devido à crise internacional em 1929, Rotterdam sofreu um processo de desindustrialização, que reduziu suas exportações, produzindo um grande número das taxas de desemprego e criminalidade, bem como o aumento das tensões nas relações sociais entre os seus habitantes.

A década de 1940, marca a Europa com a Segunda Guerra Mundial, e também deixa grandes cicatrizes em Rotterdam. A cidade é devastada por bombardeios (Figura 2), restando para o território, grandes vazios ocupados por entulhos e muitos desabrigados, gerando um déficit habitacional na região. Logo após a guerra o plano de reconstrução da cidade foi colocado em prática.

> “A intervenção mais importante foi a separação de áreas para viver, trabalhar e recreação. O centro foi destinado principalmente para trabalho, compras e entretenimento. Empresas e fábricas foram transferidas para zonas industriais especiais como Spaanse Polder fora do centro. Habitação foi planejada principalmente em bairros da periferia da cidade, como Overschie, Schiebroek e nos novos subúrbios ao sul como Pendrecht e Zuidwijk.” (GROENENDIJK, 2015a).

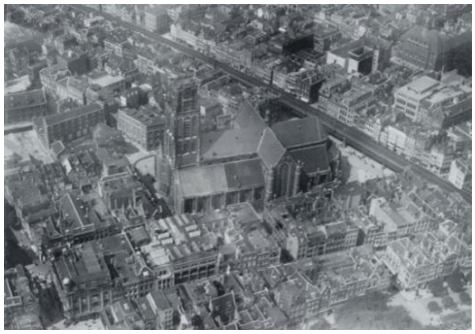


Figura 1 - Região de Laurenskersk, 1926.
Fonte: http://slideplayer.nl/slide/8867278/

Figura 2 - Região de Laurenskersk, 1946.
Fonte: http://slideplayer.nl/slide/8867278/

> "Após a guerra, Rotterdam se recupera rapidamente, o trabalho de reconstrução do centro da cidade incidiu particularmente na área do porto. Novos complexos foram construídos para acomodar a crescente indústria petroquímica e mercado no próximo recipiente (desde 1960). Na verdade, especialmente desde 1945, o desenvolvimento portuário não se limita apenas a fornecer grandes volumes, mas também o desenvolvimento industrial." (AARTS et al, 2012, p.6)

Na pressa em se refazer dos estragos deixados pelos bombardeios, muito do que se construiu em Rotterdam aliado a organização urbana por setores, fez com que a população abandonasse a área. O modelo de urbanização relatado por Groenendijk (2015a) descreve uma formação urbana que é a involução do lugar para os parâmetros da cidade contemporânea, que é dinâmica e versátil e exclui a setorização de espaços como qualificador da paisagem urbana.

Ao longo do século XX a cidade de Rotterdam não desenvolveu grandes feitos em relação a cultura. Voltada a um caráter industrial, a cidade subestimava os adornos e as artes, valorizando puramente a funcionalidade, diferente de seu animado cenário arquitetônico atual, que mostra claramente como produção cultural local pode emergir partindo de políticas públicas que visam revitalizar centros históricos de maneira a valorizar sua memória. Nas últimas décadas ocorreram melhoramentos na infraestrutura urbana, promoção da arte a da cultura, essas políticas de reabilitação urbana são comuns nos países da Europa. A construção de novos museus, edifícios culturais e a realização de festivais estão sendo promovidos nesse processo, obras de arquitetura icônicas foram financiadas buscando aumentar o perfil cultural de Rotterdam, visando tornar a cidade mais atraente para os investidores e empresários inovadores, surge então o Markthal em 2014. (KLEINHANS et. al, 2007).

Graças as novas políticas adotadas, Rotterdam é considerada atualmente um dos principais pontos focais do país e encontra-se num cenário de importantes conquistas políticas. Buscando estimular economia e de diminuir as tensões sociais, o governo tem investido representativamente na cidade. A combinação de vazio físico resultado de bombardeios da Segunda Guerra Mundial na cidade e uma gestão política que visava a requalificação urbana alinhada a qualidade do projeto arquitetônico permitiu que essa requalificação ocorresse gradualmente por meio da apropriação, dando sentido ao lugar.

A obra do Markthal veio para responder a um problema urbano, sendo mais que um edifício de habitação, pois surge com a intenção de revitalização da área, ampliando a população do bairro e tendo interlocução direta com os espaços e usos existentes. O edifício está localizado em uma região da cidade que contém significado na história dessa comunidade. A região escolhida para a implantação do mercado foi a Praça Binnenrotte[1] (Figura *1*), que abriga a maior feira de comida ao ar livre semanal de Rotterdam, e que o conecta "*Laurenskerk", a igreja de Laurens*, um dos poucos vestígios do centro medieval na cidade. O acesso ao edifício do Markthal é facilitado por estar ao lado da Estação Blaak do metrô. (GROENENDIJK, 2015b)

Figura 1 - Localização Markthal. Fonte: GOOGLE MAPS. Adaptado por: Helen Costa, autora.

[1] Binnenrotte é uma atrativa, animada e encantadora praça, que fornece um espaço com terraços, vegetação e uma área de para banhos de sol. Uma praça com forte movimento os setes dias da semana e amplamente utilizada, tanto nos movimentados dias de mercado ou como nos outros dias também.

Anteriormente o terreno escolhido para a implantação do edifício abrigava o prédio da *Willem de Kooning Academy (WdKA)*[2] construída no pós-guerra, e demolida para dar vida ao Markthall. A escola mudou-se para um edifício de escritórios vazio na fachada ocidental da Markthall, e a partir das suas salas de aulas é possível observar o monumento (Figura 4).

Figura 2 - Edifício escolhido para abrigar a Willem de Kooning Academy. Fonte: http://www.rotterdam.nl/tekst: willem_de_kooning_academie. Acessado em: 18 de maio de 2016

O Departamento de Arqueologia da cidade de Rotterdam (BOOR) realizou uma grande escavação no local antes da construção do Markthall, o trabalho encontrou e mostrou com detalhes como pioneiros cultivavam a terra naquele local a mais de mil anos atrás. As pesquisas escavaram aproximadamente sete metros abaixo do nível o mar, o que possibilitou a descoberta de um sítio, possivelmente do século X, onde uma casa foi encontrada e vestígios de que aqueles que ali habitaram já dominavam o controle do fogo. O sítio, que recebeu o nome de Rotta por conta do rio que originou o povoado, foi para os arqueólogos significativamente valioso pois confirma as teorias do surgimento da cidade. A descoberta amplia a ligação do novo edifício com o seu território.

O histórico da questão territorial holandesa acaba por desenhar o projeto, onde a restrição de terras define o modo de morar e a apropriação do território urbano. Diante do êxodo urbano em busca de mais espaço e terras, surge na Holanda, em 1970, a política urbana das cidades compactas. A política trabalha com a densidade na ocupação de terrenos livres no centro, onde a princípio o plano não previa uso habitacional.

> "A população alvo desses projetos eram aqueles suficientemente motivados e interessados a viver no centro, um grupo de população jovem com alto nível de

[2] Escola de Artes visuais e Designer que faz parte da Faculdade de Belas Artes e ciência Aplicada de Rotterdam.

> educação e formação, e um outro com idade mais avançada e dispondo de alta renda" (ACIOLY E DAVIDSON, 2011, p.36)

Objeto de concurso, o projeto do Markthal surge para atender a essa política de cidades compactas, levando em conta o aproveitamento do lote para contemplar usos diversos. O aproveitamento do terreno do mercado poderia ter sido outro, poderia se ter pensado em uma ocupação mais pública, como parques e praças, o que não garantiria a vida local. Trabalhou-se a ideia de densidade, levando habitação, onde a terra é escassa e compromete a oferta habitacional, ao mesmo tempo que através do comércio oferece vitalidade a área, fazendo o local privado de uso público, ao passo de que no nível da rua os limites entre essas funções só não se confundem pela existência das fachadas de vidro que se fizeram necessárias devido ao clima frio da região. Podemos considerar aqui o quão forte pode ser a coexistência público e privado, "conceitos opostos", porém "complementares" como cita Bucci (2010), onde um espaço de ordem privada pode contribuir para a revitalização do espaço público.

Talvez o diferencial no projeto do novo mercado de Rotterdam seja o alcance da totalidade do espaço, que segundo Milton Santos (2008), se desfaz e se refaz, "pensar a totalidade sem pensar em sua cisão é como se a esvaziássemos de movimento" (SANTOS, 2008, p. 118). O projeto não exclui a individualidade do seu morador tampouco exclui os olhos externos de permearem o edifício. Derivado de sua forma e organização estão presentes no Markthal o diálogo entre o indivíduo e o coletivo, mas respeitando o movimento de cada um: "[...] a forma torna-se capaz de influenciar, de volta, o desenvolvimento da totalidade, participando, assim, do pleno direito, da dialética social. " (SANTOS, 2008, p. 126).

O diálogo social entre as duas formas de habitar a cidade, público e privado, tem seu elo de ligação na aproximação e respeito dos usos ali pré-estabelecidos. O arranjo espacial, dentro do plano horizontal, no projeto do Markthal estabelece a sua conexão com a rua e com a feira de Binnenrotte, levando movimento ao seu entorno e ao comércio já presente na região.
A feira é marca histórica no urbanismo da região. Em configurações diferentes do que é hoje, o comércio de alimentos já tomava as ruas nos arredores da Igreja de St. Laurens. Nos idos de 1720 as ruas junto a igreja já eram tomadas pelo comércio de alimentos, acontecia o "Boerenvismarkt", mercado do peixe. Em 1807 essa apropriação ganha força, com a junção "Melkmarkt", o mercado do leite.

Figura 5 - Boerenvismarkt, Laurenskersk 1720. Fonte: http://www.engelfriet.net/Alie/Hans/43laurens.htm

Figura 6 - Melkmarkt, região de "Laurenskerk" 1807. Fonte: http://www.engelfriet.net/Alie/Hans/43laurens.htm

O comércio de alimentos existente nos arredores de “Laurenskersk” passou para outras áreas da cidade, enquanto Rotterdam se refazia da guerra, deixando a região saudosa e necessitada da vitalidade de sua presença. O plano para a reconstrução se seguiu imediatamente a guerra. Binnenrote se reergueu rapidamente, até que em 1958 a feira retoma o seu espaço junto a “Laurenskersk” como a segunda maior feira a céu aberto da Europa.

> “O mercado em Binnenrotte foi um sucesso e deu um grande impulso para o flanco oriental do centro da cidade . Na década de 1970, finalmente decidiu-se não construir o cruzamento de tráfego megalomaníaco ao lado Oudehaven . A área recebeu um novo impulso na década de 1980 com a estação de metro, a nova Biblioteca Central , as habitações Cube e o desenvolvimento em torno Oudehaven . A construção do túnel ferroviário causou perturbação , mas melhorou o contexto urbano . O Mercado Municipal concluído em 2014 adicionou mais uma atração para Binnenrotte.” (GROENENDIJK, 2015b)

A região voltou a ter vitalidade advinda do comércio e centro empresarial que ali se estabeleceram, porém, deficiente em moradia. Da requalificação da área de “Laurenskerk”, na busca por pessoas, surgiu o programa de um espaço que pudesse acomodar habitação, estacionamento e mercado, nasce o Markthal. A obra carrega em sua arquitetura a memória da feira, dando valor à sua função. Além disso, o local de inserção do projeto já contempla esse respeito pela história local, estando junto a “Grotemarkt”, a praça do grande mercado, a função faz jus ao nome do local de inserção como era nos primórdios e aqui já citado. Assim, foi incumbido ao novo mercado a expectativa do resgate da área através do turismo, trazendo pessoas e através delas a vitalidade no entorno. O projeto espelha a ideia de que a arquitetura deve estar diretamente conectada ao local em que se insere, dessa forma será parte do meio, pertencendo ao lugar e assim abraçada pelo usuário, ou seria o próprio edifício o lugar?

Conforme visto anteriormente, no histórico da habitação holandesa, o limite entre a rua e o edifício já foi tênue, onde as casas “invadiam” as ruas com suas varandas ou com suas fachadas construídas imediatamente sobre as ruas. No Markthal o oposto acontece, é a rua quem invade a edificação. O mercado acontece como uma grande rua coberta (Figura 7), configurada por meio do imponente vão envidraçado, que transpassa o edifício e faz o prolongamento da feira de Binnenrotte, com a intenção de convidar o pedestre a caminhar livremente, transpondo os dois espaços como se fosse um só. Se pode notar no histórico da cidade de Rotterdam que a mudança no modo de habitar a cidade também influenciou o modo de percepção do espaço como um lugar, tomando o espaço privado como se fosse público, conforme apresenta Castello (2004):

> “[...] muitos dos espaços percebidos como lugares pela população, não são necessariamente públicos. [...] Entretanto, ao serem utilizados pelos usuários, passam a ser por eles percebidos e apropriados como se fossem de domínio público. Ora, isto, por si só, já contribui enormemente para repensar-se o conceito de lugar na cidade atual. O domínio privado demonstra ter vontade, força e técnica para criar lugares. Em conseqüência, o setor público deve se valer desse potencial para dele tentar extrair benefícios que revertam em favor da coletividade de usuários.” (CASTELLO, 2004, p. 58).

Figura 7 - Markthal. A rua transpassa a edificação. Fonte: http://grandhotelcentral.nl/over-rotterdam/shoppen/

O novo mercado foi um impulso importante para o desenvolvimento do bairro "Laurenskwartier", reforçando o lado leste do centro da cidade, sendo necessário um edifício altamente público, aberto e acessível para esse feito. O projeto recebeu visibilidade

antes mesmo de ser finalizado, a construção de um novo ícone social no centro histórico da cidade acabou gerando visibilidade internacional. Outras obras arquitetônicas tentaram retomar o habitar do espaço de Binnenrotte, como é o caso do “Twaalfprovinciënhuis”, uma obra comercial que misturava lojas e uma espécie de mercado, que acabou não sendo bem-sucedida e virando salas de escritórios. O fato é que a região ainda não estava apta a receber as pessoas, a cidade ainda se refazia da guerra, a feira não havia retornado ao centro e o transporte não chegava a região. A obra do mercado em 2014 aparece em um contexto urbano totalmente diferente e mais receptivo ,com a feira já consolidada, e com acessos a área bem estruturados, além disso o Markthal possui um programa mais condizente as necessidades da área para o momento, a combinação destes elementos faz com que um edifcício, como o Markthal, possa ser conceituado como lugar.

III – ANÁLISE DO PROJETO DO MARKTHALL – A sintese programática

Para analisar o projeto do MarktHall do escritório MVRDV neste artigo iniciamos com a desconstrução da obra, como um desconstrutor que destrói a construção, pedra por pedra, analisa a sua estrutura e a desfaz. A desconstrução, portanto, analisa e questiona os pares conceituais que normalmente são aceitos como auto evidentes e naturais, como se não tivessem sido institucionalizados em um momento preciso, como se não tivessem história (DERRIDA,1986)

A escolha por este caminho do desconstruir a obra para poder descobrir suas pedras fundamentais, implica em observar seu sistema, examinar como foi construído, o ângulo de visão que lhe da sustentação. Ações estas que partem do pressuposto da impossibilidade da existência de uma tradução universal da intervenção arquitetônica, ou seja, não se trata de renunciar a um ponto de vista em favor de outro, que seria único e absoluto, mas de encarar a diversidade de possíveis pontos de vista. Desconstruir, portanto implica em reconhecer a diversidade de relações com o fato arquitetônico.

Partimos então da desconstrução da primeira pedra, a pedra fundamental para entender a riqueza das relações desta obra no seu território, que seria a pedra conceitual ou a teoria

intrínseca a sua concepção: **o programa** contido na sua massa construída, que reflete uma relação essencialmente nova entre homem e objeto, entre casa e moradores.

O programa, portanto é o coração da obra. São 228 habitações, 100 lojas compondo um mercado de produtos associados à alimentação, mimetizando a Feira de Rua, um supermercado no subsolo e 1.200 vagas de estacionamento.

Aqui encontramos a Feira de Rua como um elo essencial entre o edifício e a cidade, ao incorporar no programa este fato urbano presente nas ruas circundantes do edifício, a arquitetura passa a considerar o evento citadino efêmero como componente material e, portanto "fixo" na sua construção, transformando o programa da feira em função no edifício.

Nesse sentido, a combinação programática define sua pedra fundamental. Para Tschumi 1981, central em sua proposição da arquitetura "como evento", a ideia de que os corpos constroem o espaço por meio do movimento. Por exemplo, os espetáculos e as festividades que reúnem um grande número de pessoas, criam visivelmente uma mudança na condição espacial das ruas da cidade. Nesse caso a feira cumpre a função de espetáculo dentro do edifício.

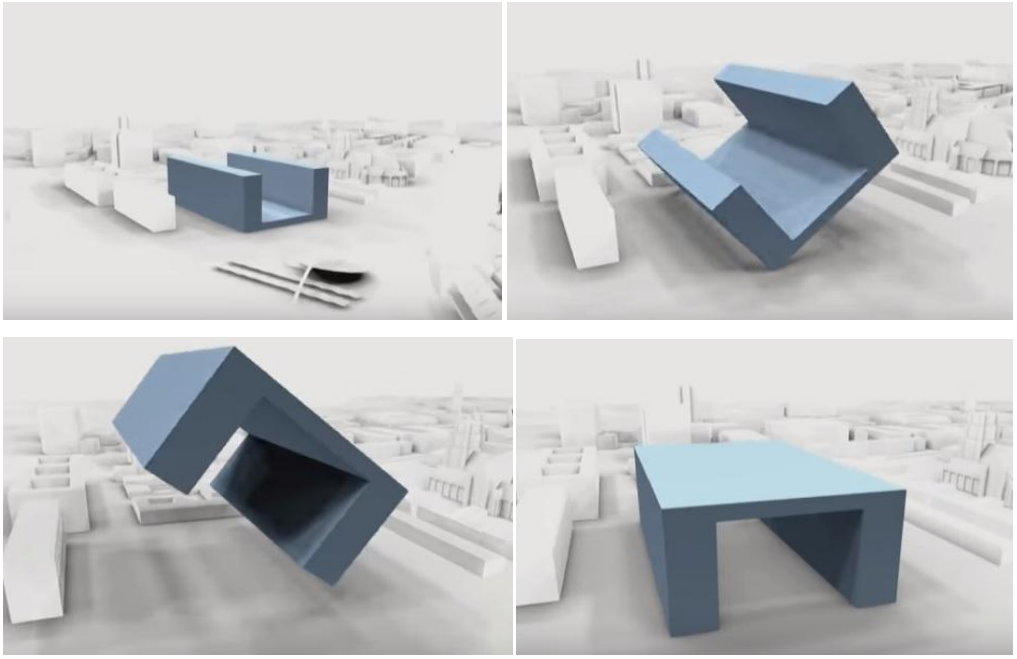
Figuras 8 e 9. Fonte: http://www.mvrdv.nl/projects

A relação entre abstração do pensamento e a substancia do espaço – a distinção platônica entre o "teórico" e o "prático" nos aponta aqui como perceber o espaço arquitetônico de um edifício é perceber algo-que-foi-concebido. (DERRIDA, 1986).

Para Tschumi, as preocupações programáticas foram dispensadas ao longo da história da arquitetura, tanto como resquícios do humanismo quanto tentativas de ressuscitar doutrinas funcionalistas já obsoletas. Defende que o motivo dessa dupla rejeição ao programa é que ambas as tendências pretendiam enaltecer o formalismo e excluir as preocupações sociais da agenda da arquitetura pós-moderna.

Opondo-se a essas duas concepções formalistas, a crítica de Tschumi visa substituir noções características do programa funcional do século XIX pela ideia de um programa ligado a um espetáculo ou a um evento. Tschumi sugere que não se deve conceber a arquitetura como um objeto (ou obra, em termos estruturalistas), mas como uma interação do espaço com os eventos. Usando o exemplo dos espetáculos e festividades, Tschumi imagina poder ver o corpo humano no centro das questões do espaço.

Ao aplicar a teoria de Tschumi para analisar a obra do MVRDV podemos chegar a apontamentos para entender a arquitetura do edifício, não como um objeto formal, apesar de sua forma causar grande impacto, mas entender sua arquitetura como essa interação dos corpos. Sua forma inusitada resulta da inversão do que seria a solução do programa em um edifício tradicional, ao colocar o programa de habitação, comércio e estacionamento rapidamente se imaginaria duas torres e um embasamento, é possível observar essa inversão nas figuras 10 a 13.



Figuras 10, 11, 12, 13. Fonte: extraídas do vídeo https://youtu.be/nfigQGOo7So.

A genialidade do projeto esta justamente nesta inversão da forma do edifício de maneira a exaltar a combinação programática entre habitação e mercado, reunindo tipologias arquitetônicas e retomando o arquétipo de mercado na forma de um grande galpão. Figura 14.

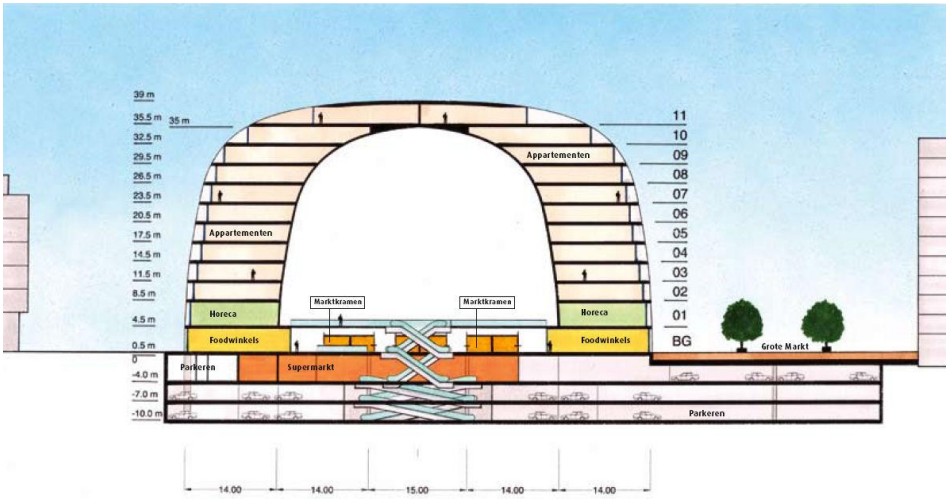


Figura 14. Fonte: http://www.mvrdv.nl/projects.

Com esta inversão da forma, foi possível colocar o uso público para dentro do edifício, que faz relação direta ao entorno imediato, onde há a feira ao ar livre de Binnenrotte que acontece duas vezes por semana. Aqui podemos entender que embora o espaço do edifício Markthall seja legalmente privado mostra-se crescentemente percebido como espaço público, o que possibilita sua apropriação como lugar. (CASTELLO, 2006).

O contexto em que o edifício Markthall surgiu é decorrente de um processo histórico pelo qual a área em que está situado vem passando. A praça onde o edifício esta inserido situada junto a igreja medieval Laurenskerk, a beira do antigo rio Rotte, é fruto da modificação ocorrida no final do século XX, quando o rio foi desviado para a construção de uma linha de trem em direção ao sul de Mosa, que por sua vez foi transformada em um túnel subterrâneo nos anos 90, dando lugar a grande praça e ao surgimento da feira de Binnerotte. Os edifícios de 1950 em ambos os lados da antiga linha, de repente, passaram dar as costas para esta nova praça, nesse sentido a implantação do Markthall se mostra como um edifício que abraçou a praça e trouxe para seu interior o aspecto programático do exterior existente, concatenando o passado e o presente do território.

Figura 15. Binnenrotte em 1961 onde hoje esta implantado o Markthall. Fonte: http://www.wederopbouwrotterdam.nl/en/deelgebieden/laurenskwartier-en/.

A relação estabelecida com seus pares conceituais, seja a retórica do território ou mesmo a criatividade que se lança para novas formas de habitar este espaço, que conseguem transformar o edificio em lugar "ou seja a conjunção desses dois tipos – dos novos usos previstos pelo projeto de reurbanização; e o dos contra-usos que se estabelecem espontaneamente por parte dos usuários envolvidos – termina por introduzir, novos espaços, sua reativação como espaço verdadeiramente público – como lugar."(CASTELLO, 2006, p.88).

É possível colocar esta obra junto ao pensamento contemporâneo que obras como essa não estimulam imitadores e adesões cegas propondo "como projetar uma casa", ou "como reconstruir a cidade", por meio de regras simples e instruções claras, como queria o movimento moderno outrora, aqui vemos a substituição da forma-função para espaço-programa.

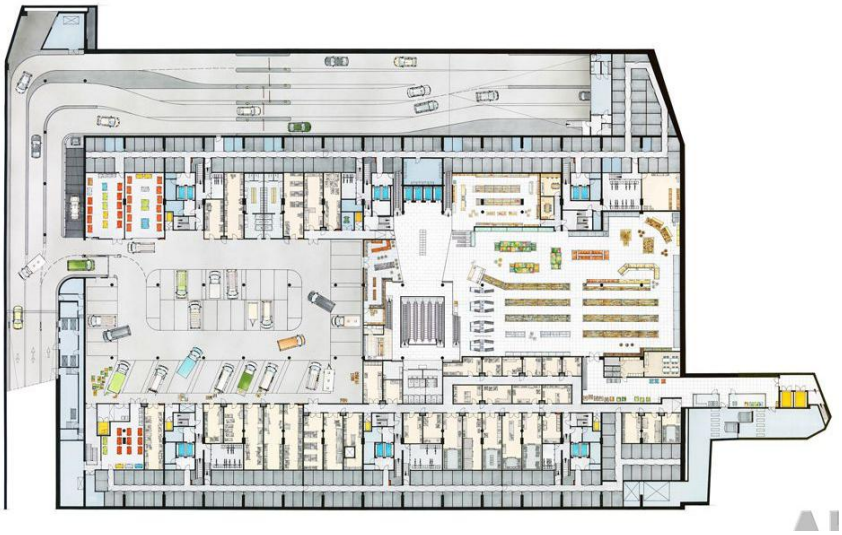


Figura 16. Fonte: http://www.architectour.net

Figura 17. Fonte: http://www.architectour.net/

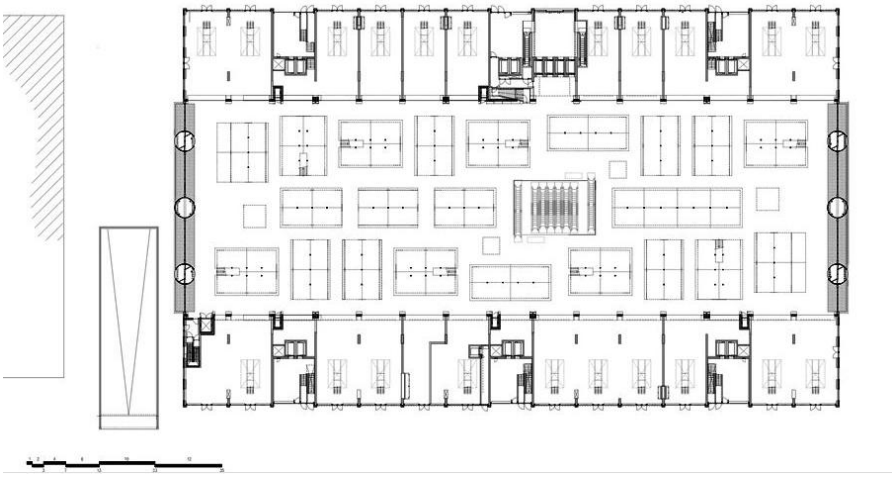


Figura 18. Fonte: http://www.architectour.net/

“O conceito de disjunção é incompatível com uma visão estática, autônoma e estrutural da arquitetura. Mas não é contrário à autonomia ou à estrutura: apenas implica operações mecânicas constantes que produzem sistematicamente a dissociação no espaço e no tempo, em que um elemento arquitetônico somente funciona por meio da colisão com um elemento programático, com o movimento de corpos ou coisas do tipo. Dessa maneira, a disjunção se torna uma ferramenta sistemática e teórica para a produção de arquitetura” (TSCHUMI, 1988, p.15).

O que é colocado por Tschumi sobre o elemento arquitetônico apenas ser ativado e funcionar quando há o elemento programático provocando movimento de corpos, nos leva a repensar essa relação de espaço-programa. Quando esta relação de fato consegue provocar movimento? ou seja quando a arquitetura consegue realizar essa ativação de corpos?.O agenciamento de usos inusitados, a proposição de multiplicidades, aparece nesta analise da obra do MarktHall como a resposta pra essa questão. A questão aqui não é somente o programa, o uso ou a função do espaço, mas os agenciamentos possíveis entre programas, usos, funções e espaço, que resultam na produção de **lugares** *“essas porções qualificadas de cidade”* (CASTELLO, 2006, p.90).

Agenciar a multiplicidade por intermédio da colisão, da dissociação, como quer Tschumi, abre caminho para experiências singulares. Partir de valores do homem real atual, do índividuo citadino, contemporaneo nos aponta a redefinição dos espaços coletivos, de encontro, lazer e viver. Redefinição esta, coerente ao tempo histórico, na qual a lógica da sobreposição, multifuncionalismo, congestão e inovação se sobrepõe a forma, e aos valores do homem ideal “não têm a pretensão de serem paradigmáticos, emblemáticos, ou verdades – são incompletos, imperfeitos; propositalmente. Marcam uma ação no tempo, seu movimento, situações”. (MEDRANO, 2006, p.76).

O Markthall do MVRDV projetado em 2004 e concluído em 2014 agenciou multiplicidades, justapôs elementos disjuntos, redefiniu um espaço coletivo. A diversidade do programa, não aparenta uma síntese funcional, mas uma síntese criativa que reformula o pensar arquitetônico. Um edifício em forma de arco que sintetiza funções de maneira criativa, que resolve o problema inicial do projeto: a revitalização da área central de Rotterdam, por meio da síntese criativa do programa no edifício, conseguiu agregar valor ao território inserido e dialogar com questões históricas holandesas tanto físicas quanto imateriais, obtendo êxito da resultante formula proposta por Tschumi, espaço – programa.

Considerações Finais:

Markthall representa para a região do rio Rotte um impulso importante pois é um forte elemento na paisagem e contribui para a requalificação urbana que a cidade almeja. A cidade ainda conta com inúmeros edifícios e marcos históricos da época da reconstrução do pós-guerra, no entanto encontra-se na busca dessa renovação urbana e para isso vem desenvolvendo projetos que vão da pequena a grande escala, modificando a paisagem urbana no intuito de transformar o centro em um espaço que possa abrigar as pessoas, elevar a qualidade de vida e o bem-estar de seus habitantes.

O projeto tem claramente a preocupação de integrar-se ao território urbano, por meio da força que contempla seu programa como ponto de destaque para o mercado/feira, o objeto ganha amarração com a história local e passa a fazer parte do contexto urbano como se sempre estivesse estado ali. O sucesso imediato do empreendimento, quanto a ocupação da área pelas pessoas se reflete no número de visitantes em seu primeiro ano de vida, que ultrapassa 8 milhões. O edifício em forma de arco, teve impacto positivo mas que só o tempo poderá avaliar, a maneira criativa com que foi concebido resolveu a questão inicial proposta para sua implantação: a revitalização da área central de Rotterdam. Por meio da síntese criativa do programa no edifício, agregando o mercado que faz referencia direta a feira já existente conseguiu trazer o uso público para dentro do prédio criando um dialogo permanente com o território inserido e com questões históricas holandesas, transformando o edifício nessa “porção qualificada de cidade”, ou seja, o edifício se torna lugar.

BIBLIOGRAFIA

AARTS, Martin et al. *Port-city development in Rotterdam: a true love story*. Departamento de Urbanística y Ordenación Del Territorio. Revista digital, 2012. Disponível em: http://urban-e.aq.upm.es/pdf/PortCityDevelopment_ATrueLoveStory.pdf Acesso em: 02, nov. 2015.

ACIOLY, Claudio Jr.; DAVIDSON, Forbes. *Densidade Urbana.* Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?isbn=8574785326>

BUCCI, Ângelo. *São Paulo, Razões de Arquitetura*: da Dissolução dos Edifícios e de Como Atravessar Paredes. 1ª edição. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010

CASTELLO, Lineu. "Há Lugar para o Lugar na cidade do século XXI?". ARQTEXTO (UFRGS), v. 5, p. 50-59, 2004.

CASTELLO, Lineu. "O lugar geneticamente modificado". ARQTEXTO (UFRGS), v. 9, p. 76-91, 2006.

DEINEMA, Michaël and KLOOSTERMAN, Robert. *City trajectories and the urban cultural economy:* Cultural industries in Dutch cities since 1900. Amsterdam. 2010.

DERRIDA, Jacques. *Architecture where the desire may live [interview with Eva Meyer].* 2003. Architecture Where Design Can Live: Jacques Derrida Interviewed by Eva Meyer, foi extraído de Domus n.671, abr.1986, PP.17-24.

GROENENDIJK, Paul. 1946 The Basic Plan By Van Traa. *Wederop Bouw Rotterdam.* Departamento do patrimônio de Rotterdam, 2015a. Disponível em:<http://www.wederopbouwrotterdam.nl/en/basic-plan-van-traa/> Acesso em: 02 nov. 2015

GROENENDIJK, Paul. 1958 Market on Binnenrotte. *Wederop Bouw Rotterdam.* Departamento do patrimônio de Rotterdam, 2015b. Disponível em: <http://www.wederopbouwrotterdam.nl/en/market-binnenrotte/> Acesso em: 02 nov. 2015.

ISRAEL, J. *Poderes da Coroa: 1600-1700. A República Holandesa.* Abril Livros, Time Life, São Paulo, 1992.

KLEINHANS, Reinout; et al. *Understanding Social Capital in Recently Restructured Urban Neighbourhoods: Two Case Studies in Rotterdam.* Urban Studies, Delft University of Technology, Vol. 44, Amsterdam. 2007.

MARSHALL, Thomas. *The History and Description of Rotterdam and Its Environs: Embracing Its Origin and Progress, Municipal Government, Commerce, Navigation, and Manufactures: Also Notices of Its Religious, Literary, Scientific, and Philanthropic Institutions.* Rotterdam H.V. van Gogh, 1844. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=rqFUAAAAcAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

MEDRANO, Leandro. “Notas sobre um bar, uma quadra de basquete e um cadáver”. *Óculum Ensaios*, n. 03. Campinas, PUC-Campinas, 2006.

NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura.* Editora Cosac Naify, 2006.

RYBCZYNSKI, Witold. *CASA: História de uma Ideia.* Madri. Editora Nerea. 1985.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço:* técnica e tempo, razão e emoção. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TSCHUMI, Bernard. Architecture and Limits I foi extraído de Artforum 19, n.4, dez.1980, p.36.

TSCHUMI, Bernard*. Notes towards a Theory of Architectural Disjunction. Architecture and Urbanism,* n. 126, 1988, p. 13-15

WU, Charlene J. *Transformation of Centrale Markthal.* RMIT Mixed projects. Amsterdam. 2014.

ZUJLEN, Lucas Van and HOOYKAS, Frans. *The Market Hall (De Markthal) Rotterdam by MVRDV.* Versbeton. Rotterdam. 2014

ZUMTHOR, P*. A Holanda no tempo de Rembrandt***.** Companhia das Letras, 1959.

http://www.mvrdv.nl/projects

http://www.architectour.net/